

# UM CRIME NAS BRUMAS DO PORTO

*O polar à la Simenon*

## A CRIME IN THE MISTY HARBOR: THE POLAR À LA SIMENON

Márcia Arbex\*

Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq/Fapemig

### RESUMO

Estudo da narrativa *O porto das brumas* (1932), de Georges Simenon, a partir do exame das características principais do romance policial e da relação do autor com esse gênero, no contexto da literatura francófona. Serão abordadas as estratégias narrativas identificadas na obra, considerando o porto como espaço de encenação do crime, o método intuitivo do comissário de polícia Maigret, bem como a valorização do humanismo dos personagens em sua investigação.

### PALAVRAS-CHAVE

Georges Simenon, literatura francófona, romance policial

Georges Joseph Christian Simenon (1903-1989), autor francófono nascido na Bélgica, e cujo romance *Le Port des brumes* (1932) estudamos neste artigo, é considerado um dos autores mais prolíficos do século passado. Seus quatrocentos romances vendidos a mais de setecentos milhões de exemplares, a tradução de seus livros para mais de cinquenta línguas demonstram seu grande sucesso junto ao público, fazendo com que durante muito tempo ele fosse considerado “mais como um fenômeno literário do que como um grande escritor”.<sup>1</sup> Inicialmente autor de romances ditos populares, Simenon torna-se célebre no romance policial ao criar o personagem do comissário de polícia Jules Maigret – caracterizado por seu cachimbo e imortalizado nas telas de cinema e de televisão.

Nosso objetivo é examinar a natureza do crime em *O porto das brumas*<sup>2</sup> a partir da análise dos elementos constitutivos do gênero, o *polar*, o que nos permitirá identificar as

---

\* [arbex@ufmg.com.br](mailto:arbex@ufmg.com.br)

<sup>1</sup> DE FALLOIS. *Simenon*, p. 8. (Todas as traduções do francês são da autora deste artigo, exceto as que se referem à obra estudada, *O porto das brumas*). A obra de Simenon faz parte da renomada coleção *Encyclopédie de la Pléiade* desde 2003. Sobre o autor e sua obra, cf. ainda o sítio do Centre d'Études Georges Simenon et le Fonds Simenon, da Universidade de Liège, no seguinte endereço: <<http://www.libnet.ulg.ac.be/simenon.htm>>, bem como o sítio <<http://www.toutsimenon.com>>.

<sup>2</sup> Utilizamos, para este artigo, a edição brasileira de *O porto das brumas* publicada pela Nova Fronteira e pela L&PM em 2004, com tradução de Raul de Sá Barbosa.

marcas peculiares da escrita do autor e sua relação paradoxal com esse gênero. As estratégias narrativas encontradas em *O porto das brumas* indicam que o crime está intimamente ligado ao espaço em que ocorre – o porto de Ouistreham, diluindo-se, de certa forma, na atmosfera e se relativizando no humanismo dos personagens.

## O ROMANCE DE ENIGMA: A QUESTÃO DO SABER

Retraçar a história do gênero policial significa, de certa maneira, retraçar a história do romance e da literatura, de suas primeiras manifestações até hoje, cujo processo de legitimação ocorreu graças aos textos de críticos como Bertold Brecht, Gilles Deleuze, Edgar Morin, Tzvetan Todorov, Jacques Lacan, tanto quanto a artigos de vulgarização, de manuais didáticos, dicionários, enciclopédias ou antologias.<sup>3</sup>

Certamente, grande parte do gênero policial compartilha de temas literários presentes em outros gêneros e funciona sobre o imaginário coletivo, popular, até mesmo arcaico, ao colocar em cena um mundo obscuro em que predominam o universo noturno dos assassinatos, dos segredos, dos personagens e lugares marginais, das paixões ilícitas dos desejos reprimidos e da infração social.

De acordo com Yves Reuter, o romance policial pode ser caracterizado por sua focalização sobre um delito grave, juridicamente condenável. Sua proposta seria a de saber quem cometeu o delito e como (sobretudo no romance de enigma); colocar um fim e/ou triunfar sobre o criminoso (no caso do romance *noir*); evitar o crime (no caso do romance de suspense). Ao recuperar as origens sociais e literárias do gênero, o autor observa que, na França, o romance policial tem sua origem no romance folhetim sob a pluma de Balzac, Eugène Sue, Frédéric Soulié, Alexandre Dumas, Emile Gaboriau, seus principais representantes. A partir de 1900, paralelamente ao romance-folhetim “clássico”, ao romance exótico e ao histórico, teria ocorrido uma “explosão” do romance policial e, nesse momento, os autores franceses começam sua obra: Gaston Leroux (1868-1927) escreve *Rocambole* de 1907 a 1922, *Le mystère de la chambre jaune* (1907-1908), *Le parfum de la dame en noir* (1914); Pierre Souvestre (1874-1914) e Marcel Allain (1885-1965) se destacam com seus 32 volumes de *Fantômas* (1909-1914); Maurice Leblanc torna-se célebre com *Arsène Lupin*, de 1904 a 1939. A “idade de ouro” do romance policial se situaria, entretanto, no período entreguerras, quando conjuga expansão, diversificação e se codifica por meio de ensaios e regras prescritivas.<sup>4</sup>

Uma das características básicas do gênero consiste na estrutura dita regressiva. Se “no romance policial de enigma, como define Peyronie, passamos do enigma à solução por meio de uma investigação”,<sup>5</sup> sua estrutura supõe, por conseguinte, duas histórias: a do crime e dos fatos que o determinaram, e a da investigação, que reconstitui a primeira.

<sup>3</sup> REUTER. *Le roman policier*, p. 95.

<sup>4</sup> REUTER. *Le roman policier*, p. 13-17. Destacam-se ainda, no âmbito da literatura franco-belga, as produções de Claude Aveline (*La Double mort de Frédéric Belot*, 1932), de Pierre Véry (*L'Assassinat du père Noël*, 1934), de Pierre Boileau (*Six crimes sans assassin*, 1939). Ao lado de Simenon, destaca-se, na Bélgica, o nome de Stanislas Steeman (1908-1970) que escreveu *L'Assassin habite au 21* (1939), *Légitime défense* (*Quai des orfèvres*) (1942), entre outros romances do gênero.

<sup>5</sup> Peyronie citado por REUTER. *Le roman policier*, p. 39.

O romance policial articula duas histórias, a do crime e a da investigação, e ainda que estejam misturadas ou superpostas, elas permanecem presentes como duas partes separadas de uma mesma realidade textual. Uma das manifestações dessa ruptura é o fato de a relação polêmica que opõe detetive e culpado não se manifestar frente a frente. Cada um desses polos narrativos está fechado em sua própria esfera e separado do outro pela distância do enigma. O caso é o de um encontro sempre adiado e que só se realiza nos últimos momentos da narrativa.<sup>6</sup>

No romance de enigma, a narrativa da investigação é privilegiada, cujo objetivo é o de reconstituir como o crime foi cometido, por quem e como foi dissimulado. O presente da investigação deve, assim, reconstituir o passado que levou ao crime para encerrá-lo definitivamente. Observa-se o caráter metódico e racional, bem como a progressão contínua da investigação, mas calculadamente confusa, para desviar a atenção do leitor antes dos esclarecimentos finais. “A narrativa do crime deve estar – simultaneamente – *ausente* para que haja mistério e *presente*, por meio dos indícios, para ser reconstituída.”<sup>7</sup>

A questão do saber torna-se, portanto, fundamental. O romance de enigma repousa sobre um “jogo intelectual” entre autor e leitor, figurado pelo confronto intelectual (e não físico) entre o investigador/detetive e o criminoso. O leitor “disputa” o saber com o detetive. O trabalho de escrita consiste na distribuição dos indícios, na dissimulação das pistas e nas possibilidades de reconstituição das informações. O saber é fundamental porque é o lugar de confronto entre culpado e detetive, autor e leitor.

Em *O porto das brumas* Simenon conduz o leitor à cidade portuária de Ouistreham, na região da Normandia, França, em companhia do detetive de polícia Maigret, onde Yves Joris é assassinado. Recapitularemos brevemente os principais fatos da narrativa antes de examinarmos a organização da ficção.

Desaparecido há seis semanas, Yves Joris é encontrado amnésico vagando pelas ruas de Paris. A polícia constata que, tendo sido ferido à bala na cabeça recentemente, recebeu tratamento adequado; observa ainda indícios que revelam que ele esteve na Noruega. Maigret é designado para conduzir Joris de volta à Ouistreham, onde ele vive com sua governanta, mas na mesma noite em que chegam a sua casa, Joris morre envenenado.

Começa então a difícil investigação de Maigret, pois, embora saibam muitas coisas, as pessoas se calam, sejam os marinheiros, como Grand-Louis, sejam os burgueses ricos, como Ernest Grandmaison. Além disso, Maigret descobre que um rico norueguês circula pelas redondezas, mas se dissimula; quando descoberto e interrogado, o estrangeiro permanece calado. O silêncio é a atmosfera característica desse caso, metaforizado na espessa névoa que envolve constantemente o porto, dissimulando os fatos e gestos de cada um. Obstinado, Maigret descobre, após muitas peripécias, certos elementos, mas ligará os fatos e os laços que unem as personagens Ernest Grandmaison, o norueguês, Grand-Louis e a vítima Yves Joris, apenas ao final da narrativa, de acordo com as regras do gênero.

---

<sup>6</sup> Dubois citado por REUTER. *Le roman policier*, p. 39.

<sup>7</sup> Eisenweig citado por REUTER. *Le roman policier*, p. 39.

O suicídio de Ernest Grandmaison, no momento em que Maigret está prestes a desvendar completamente o caso, fornece a chave do enigma ao policial. O norueguês, de origem francesa, na verdade, não é outro senão Raymond Grandmaison, primo de Ernest Grandmaison. Quinze anos atrás, ele era um simples empregado de seu primo rico. Os dois homens amavam a mesma mulher, e Ernest aproveitou a ocasião de um roubo cometido por Raymond na empresa para obrigá-lo a deixar a França. Na Noruega, Raymond fez fortuna, mudou de nome, naturalizou-se. Quando soube que Ernest havia se casado com a mulher que ele amava e que eles haviam tido um filho, suspeitou que o filho fosse seu; fato confirmado por ele ao confrontar as datas. Com o objetivo de recuperar seu filho, Raymond voltou clandestinamente à França, comprou um barco, solicitou os serviços do marinheiro Grand-Louis e de Yves Joris.

A tentativa de rapto do menino fracassou, e Ernest Gradmaison, ao surpreender os sequestradores, atirou em Joris. Os três homens fugiram de barco; Raymond cuidou de Joris e levou-o à Noruega, mas o ferimento provocou a amnésia. Seis semanas depois, Raymond conduziu Joris à França, onde ele planejava uma nova tentativa de rapto do filho. Ao voltar a Ouistreham, Joris foi envenenado por Ernest Grandmaison, que temia que ele falasse, desencadeando assim o escândalo cuidadosamente mantido em segredo durante anos.

## O PORTO COMO ESPAÇO DE ENCENAÇÃO DO CRIME

Uma característica importante do romance policial é o espaço fechado e único, como a cena de um teatro. Sua realidade geográfica ou social é menos importante do que sua função. Nesse *huis clos*, as personagens não podem se deslocar durante a investigação.

Em *O porto das brumas*, o espaço é de fato restrito. Ouistreham é descrita como uma “aldeia comum, perdida num trecho da estrada ladeada por pequenas árvores. O que contava ali era o porto, uma eclusa, um farol, a casa de Joris, a Buvette de la Marine”.<sup>8</sup> Mas contrariando esta regra do gênero, sua realidade geográfica tem um papel essencial na narrativa de Simenon: a escolha da cidade de Ouistreham não é apenas funcional. A vida da cidade é ritmada pelas atividades do porto, sendo que a maioria de sua população está vinculada a ele.

As primeiras impressões de calma e tranquilidade percebidas por Maigret são pouco a pouco relativizadas quando o comissário nota a importância das marés (“Imaginava ser esse o hábito de toda essa gente: a cada maré, reuniam-se no bar”<sup>9</sup>) e, sobretudo, os espessos nevoeiros que envolvem a cidade, realidades que interferem diretamente no desenrolar da investigação. O título do romance indica a importância desse elemento na narrativa. Desde sua chegada, atravessam um “muro de neblina”; após deixar a governanta Julie e o marinheiro Joris em sua casa, “mergulha numa bruma tão densa que não vê onde põe os pés”, “orienta-se mal”, segue para o hotel mas quase cai no canal, pois “a passarela sobre a qual estivera a ponto de se aventurar põe-se em

<sup>8</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 64.

<sup>9</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 38.

movimento”: é a porta da eclusa se abrindo. Toda a movimentação da eclusa ocorre “sem que se veja nada, naquela nuvem úmida que pendura pequenas pérolas nos bigodes”.<sup>10</sup>

É nessa atmosfera pouco nítida, termo que retorna com frequência, que vivem os habitantes de Ouistreham que não veem nada, não dizem nada, como numa “conspiração do silêncio” (título do capítulo IX). Maigret percebe, entretanto, que a névoa está “repleta de formas humanas”, que “esse universo de bruma se enche e ferve de uma vida intensa, misteriosa”,<sup>11</sup> prefigurando a natureza do crime ocorrido.

Como dissemos acima, no romance policial de enigma, a ação fundadora é eclipsada. O crime está ausente, situado no passado a ser reconstituído através de vestígios. O essencial da ação se concentra na investigação, de caráter intelectual, que coleta os indícios e tenta dar-lhes um sentido, por meio de observações e interrogatórios.

Em *O porto das brumas*, Simenon rompe em parte com esse modelo, pois o crime ocorre após a entrada em cena do detetive Maigret, praticamente sob seus olhos. O detetive havia sido levado ao local do crime que está por acontecer por um motivo aparentemente distinto do motivo do assassinato de Yves Joris: conduzir de volta à sua casa a futura vítima amnésica. A ação se desdobra em duas etapas: o primeiro tiro, tentativa fracassada de assassinar os sequestradores do menino, dentre eles Joris, e o envenenamento, que conclui o crime.

São inúmeros os indícios dissimulados no texto; citaremos apenas um: ao chegar à Ouistreham com Joris e sua governanta Julie, Maigret os acompanha à casa deles. Ao abrir a porta, surpreendem-se com a presença da gata dentro de casa, quando Julie afirma com convicção que havia posto o animal para fora antes de viajar para Paris, “como sempre faço, aliás, ao sair”, diz ela.<sup>12</sup> Maigret verifica que todas as janelas e portas estavam fechadas e na casa não havia respiradouro, não havendo, portanto, como a gata entrar, a não ser que alguém tenha aberto a porta e entrado ali durante a ausência dos habitantes, deduz o leitor. Maigret não comenta o episódio. O gato surge novamente na narrativa quando Ernst Grandmaison, logo após a descoberta do crime, dirige-se à casa de Joris acompanhado de Maigret que lhe faz inúmeras perguntas. Neste momento, “o gato branco, estirado em todo o comprimento em cima do muro batido de sol, fugiu de um salto à aproximação dos dois homens”,<sup>13</sup> indicando a ameaça que representa o ilustre Sr. Grandmaison. Como afirma Narcejac, a escolha dos indícios, em Simenon, é reveladora: “é um gesto, uma palavra, um olhar.”<sup>14</sup>

No que se refere à escolha da vítima, *O porto das brumas* não escapa ao modelo convencional. No romance policial a vítima é uma “restrição estrutural”: ela é necessária à existência da investigação. Normalmente aparece no início do texto, já morta ou rapidamente assassinada, e encontra-se no centro de um círculo de relações sociais cujo funcionamento será revelado pela investigação.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 18, 23.

<sup>11</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 18, 23.

<sup>12</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 21.

<sup>13</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 46.

<sup>14</sup> NARCEJAC. *Le roman policier*, p. 1708.

<sup>15</sup> REUTER. *Le roman policier*, p. 46.

Em *O porto das brumas*, a vítima que desencadeia a investigação é o capitão do porto de Ouistreham, Yves Joris, como vimos acima. Amnésico, destituído da palavra, ele metaforiza o silêncio que reina na pequena cidade. É descrito como “um homem que, depois de anos viajando continuamente, não pôde resignar-se à inatividade. Então, apesar da aposentadoria, solicitou o cargo de chefe de porto em Ouistreham. Construiu ali uma casa modesta...”. Joris não tem família, vive há muitos anos com Julie, a qual chama de governanta; não tem inimigos, nem aventuras, nem paixões.<sup>16</sup> Aos 25 anos já era “atarracado, de cara larga, aberta, mas com uma ponta de obstinação. Um verdadeiro bretão!”<sup>17</sup> Joris é, portanto, uma personagem aparentemente sem motivos para ser assassinada. O fato de se ter constatado que alguém cuidou de seu ferimento, não deixa de constituir um indício paradoxal de que, se Joris tinha inimigos, havia também quem o auxiliasse: “Atiraram nele, é um fato. Mas também cuidaram dele de modo notável!”<sup>18</sup>

Mas como afirma Reuter, nesse tipo de romance “a vítima existe porque houve anteriormente acumulação de mistérios e de atos inconfessáveis, de infrações à ordem do microuniverso”. De fato, Joris trabalhou durante 28 anos para Ernst Grandmaison, prefeito e também diretor da Companhia Anglo-Normanda. Havia, portanto, conhecido seu passado e provavelmente a história de seu primo Raymond Grandmaison, o qual ajudou na tentativa de sequestro do filho.

Assim como a vítima, o detetive é um homem comum, mas personagem obrigatório do romance policial: ele atualiza os mecanismos de observação e de elucidação, figura e narrativiza a resolução do mistério.

Jules Maigret é, entretanto, um comissário atípico que utiliza um método de investigação inédito: a originalidade de suas investigações reside no interesse que demonstra pelo clima social e pelas motivações psicológicas que levaram o culpado a cometer o crime. Ele se destaca ainda por se distinguir dos outros detetives policiais no tocante às características dominantes. Contrariamente a alguns de seus predecessores, a capacidade intelectual de Maigret surpreende; ele tampouco utiliza disfarces durante a investigação, como o faz o inspetor Juve em *Fantômas*. Assemelha-se, entretanto, aos outros personagens-detetives por ser fisicamente limitado, ou seja, corre poucos riscos durante a investigação, e por possuir um emblema ou acessório que o caracteriza e humaniza – no caso de Maigret, o famoso cachimbo. O personagem de Maigret seria ainda próximo ao de um homem comum. Vive como um pequeno-burguês, gosta de comer, beber, fumar cachimbo, ir ao cinema. É corpulento, taciturno, fiel à esposa e não gosta de se exhibir. A humanização do personagem e suas escolhas políticas são percebidas claramente nos seguintes trechos de *O porto das brumas*:

---

<sup>16</sup> Como em outros romances do gênero, nota-se, em *O porto das brumas*, a eufemização da relação entre Joris e sua governanta: “O verdadeiro romance policial deve estar isento de qualquer intriga amorosa. Introduzir ali o amor seria, de fato, perturbar o mecanismo do problema puramente intelectual.” (Van Dine citado por REUTER. *Le roman policier*, p. 46.)

<sup>17</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 15, 34.

<sup>18</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 16.

Maigret tinha sono. Talvez tivesse se resfriado durante a noite. O fato é que seu humor era o de alguém que pegou uma gripe. Isso se via nas suas atitudes e também no rosto, que parecia menos enérgico.<sup>19</sup>

Maigret bebia na Buvette de la Marine com empregados da eclusa e pescadores de Ouireham.

O prefeito recebia os representantes do Ministério Público com chá, licores e *petits-fours*. Maigret era apenas um homem. Jamais se poderia colar etiquetas nele.<sup>20</sup>

Sua marca profissional é certamente o método investigativo intuitivo: ele escuta pacientemente e observa atentamente os lugares e as pessoas, procurando compreender o comportamento dos indivíduos que interroga:

E entre ele [Lannec] e Louis houve uma troca de olhares que Maigret julgou adivinhar. Há momentos em que a intuição é mais aguda do que em outros. (...) Seguiu-se um longo silêncio. O comissário desejava isso. Dava a cada um deles o tempo necessário para impregnar-se da atmosfera quente e tranqüila da cozinha.<sup>21</sup>

Raramente se irrita durante o interrogatório; assume o papel do “bruto bonzinho”: ele “não tinha ar de juiz, nem mesmo de policial”.<sup>22</sup> Prefere ele também impregnar-se da atmosfera dos lugares em que os crimes são cometidos, como podemos observar em diversos trechos, dos quais destacamos o seguinte:

Horas sem grande interesse. Maigret rondou em torno da draga como um turista de domingo que contempla, tomado de respeito intuitivo, um espetáculo misterioso. Havia tubos de grande calibre, guindastes, correntes, cabrestantes...  
Por volta das onze foi tomar o aperitivo com o pessoal do porto.<sup>23</sup>

Essa característica típica de Maigret também é assinalada por Narcejac, que sublinha o fato de que o inspetor possui a *finesse*, próxima de um instinto,

que lhe permite farejar e interpretar os eflúvios que irradiam invisivelmente dos lugares e dos seres (pois os lugares também têm sua significação oculta, sua consciência surda, sua mentalidade elementar, como as pessoas).<sup>24</sup>

Seguindo a tradição do gênero, *O porto das brumas* também apresenta um personagem próximo ao detetive, o sargento Lucas, que entra em cena apenas no capítulo V, com a função de *relais*: ele introduz o humor na seriedade da investigação; permite não revelar todas as informações e possibilita ao leitor se colocar em seu lugar, ao lançar desafios ao comissário. “Quase tão gordo” quanto Maigret e mais baixo, Lucas assume os riscos físicos que o comissário não pretende realizar, como na cena em que sobe no muro da casa de Grandmaison para espioná-lo, relatando aos poucos tudo o que pode observar dentro da casa.<sup>25</sup>

<sup>19</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 91.

<sup>20</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 100.

<sup>21</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 141-142.

<sup>22</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 156, 158.

<sup>23</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 90.

<sup>24</sup> NARCEJAC. *Le roman policier*, p.1708.

<sup>25</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 107.

No romance policial investigativo, como explica Reuter, o assassinato é um evento isolado e de caráter escandaloso no local em que ocorre. O assassino não é um profissional do crime, nem membro de gangue, é raramente um doente mental; ele faz parte do universo em que vive.<sup>26</sup> O efeito de surpresa provocado pela revelação de sua identidade decorre justamente dessa familiaridade do assassino com seu meio social: o criminoso pode ser parente da vítima ou agir em contradição com seu papel social, como é o caso de Ernst Grandmaison em *O porto das brumas*, que é prefeito, presidente da Câmara de Comércio, dono da Sociedade Anglo-Normanda de Navegação. O retrato que dele faz o narrador não o favorece:

(...) um grande personagem que acredita ser o centro do mundo, veste-se como um fazendeiro aristocrático e faz concessões à democracia, apertando distraidamente umas poucas mãos, dirigindo vagos bons dias aos habitantes do lugar, pedindo-lhe ocasionalmente notícias das crianças.<sup>27</sup>

O primo, supostamente norueguês, Raymond Grandmaison, movido por sentimento de vingança, também comete delito por tentar raptar seu filho, contratando os marinheiros Grand-Louis e Joris. Em contraponto com a figura do assassino, a de seu primo é bem mais positiva: “Um belo homem, da mesma idade e da mesma estatura que o prefeito, embora mais delgado e mais nervoso. Seus olhos escuros refletiam uma vida intensa. E o sorriso que aparecia nos lábios finos demonstrava grande confiança em si.”<sup>28</sup>

Antes da revelação do assassino, entretanto, vários personagens são considerados suspeitos. A governanta Julie Legrand é suspeita por ser a herdeira de seu patrão Yves Joris, que lhe lega bens móveis e imóveis “em recompensa por muitos anos de devotamento”;<sup>29</sup> o irmão de Julie, o ex-marinheiro Grand Louis, tem um passado comprometedor, pois “cumpru oito anos de trabalhos forçados”<sup>30</sup> e esteve no porto na noite do crime; Raymond Grandmaison também fez parte do grupo de suspeitos ao dissimular sua chegada em Ouistreham.

## O DESVELAMENTO DO ENIGMA

Poderíamos resumir a narrativa de enigma em duas noções básicas: *ver* e *dizer*. Alguém, o criminoso, matou sem ser visto e não quer dizer; outra pessoa, o detetive, não viu mas vai reconstituir por meio da palavra, aquilo que não pôde ver. Quando o *dizer* coincidir com o *ver*, o enigma será resolvido.<sup>31</sup>

A afirmação de Marc Lits esclarece a dupla tensão existente entre a narração e o discurso final explicativo, argumentativo e didático que caracteriza os romances policiais.

<sup>26</sup> REUTER. *Le roman policier*, p. 48-49.

<sup>27</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 44.

<sup>28</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 134.

<sup>29</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 35.

<sup>30</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 42.

<sup>31</sup> Lits citado por REUTER. *Le roman policier*, p. 43.



Para o autor o que importa é o “triunfo do cognitivo”: a descoberta do culpado e da verdade, reconhecida pelo círculo dos protagonistas que acolhem a revelação.

Ao início da investigação, no capítulo V, sem poder falar ainda de “descobertas”, mas constatando que “fizera progressos na compreensão do drama”, Maigret faz uma reconstituição “quase matemática” dos fatos que envolviam a chegada no porto e os deslocamentos do barco chamado *Saint-Michel*. Este mesmo barco que ficara encalhado na baía de Ouistreham, prova da fuga dos suspeitos nitidamente visível quando da maré baixa:

O pescador estava tão comovido que não respondeu. E Maigret só compreendeu quando, por sua vez, inspecionou a linha do horizonte.

A baía de Ouistreham estava quase inteiramente a descoberto. A areia, cor de trigo maduro, estendia-se até mais de uma milha, e lá as ondas quebravam-se esbranquiçadas. À direita do quebra-mar, a aproximadamente um quilometro de distância, um grande barco estava encalhado, metade na areia, metade no mar, que o atacava a grandes golpes.<sup>32</sup>

Mas para chegar a esta descoberta, figurada pelo descobrimento do barco sob céu claro, e à resolução final do enigma, que ocorre nos últimos capítulos da narrativa, Maigret deixa aos poucos de ser o detetive “turista” e se transforma de fato em policial montando o quebra-cabeças do crime: “E a coisa logo se engrenou na sua cabeça. O cérebro de Maigret funcionava como engrenagens. Nele, os acontecimentos se ajustavam exatamente uns aos outros.”<sup>33</sup> Mas para Simenon, resolver o enigma “não é descobrir o método do criminoso, mas experimentar (...) a crise psicológica que provocou o drama.”<sup>34</sup>

De fato, verdades parciais foram reveladas ao longo do texto;<sup>35</sup> a resolução final foi continuamente adiada por novos acontecimentos e peripécias – por exemplo, o encontro no povoado na periferia de Ouistreham, onde há a revelação e a acusação de Martineau/Raymond Grandmaison,<sup>36</sup> aumentando o suspense e criando falsas expectativas de desfecho para o leitor.

Seguindo o método de Maigret, a revelação final é praticamente delegada a um personagem secundário, que faz sua primeira aparição ao final da narrativa: o detetive torna-se ouvinte, mais uma vez, do relato do Sr. Bernard, funcionário de confiança da empresa há 42 anos, única testemunha do passado da família Gradmaison, detentora do segredo enfim desvelado: “Sou o único a saber disso aqui, diz ele. Quer dizer: em lugar de entregá-lo à justiça, o Sr. Ernest pediu que ele expatriasse, que fosse viver no exterior.”<sup>37</sup>

Nesse momento em que o *dizer* coincide com o *ver*, o assassino Ernest Grandmaison se suicida, punindo a si mesmo pelo crime que cometera. Ou não seria também toda a população silenciosa de Ouistreham, como sugere o sargento Lucas, o verdadeiro culpado? “(...) Todos mentem! Os que não mentem, se calam, embora saibam alguma coisa. Como

<sup>32</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 169-170.

<sup>33</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 110.

<sup>34</sup> NARCEJAC. *Le roman policier*, p. 1708.

<sup>35</sup> Nas páginas 118, 119 e 121, por exemplo, de *O porto das brumas*.

<sup>36</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 189.

<sup>37</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 200.

se toda a região fosse responsável pela morte de Joris.”<sup>38</sup> Como observa Reuter, sacrificada, “a vítima evidencia o não-dito e permite a ‘purificação’ do círculo relacional”.<sup>39</sup>

Os motivos que levaram Ernst Grandmaison a cometer o crime são complexos. O prefeito envenenou Yves Joris porque este era uma testemunha de seu passado. Por outro lado, podemos dizer que essa também é uma história de amor, ciúmes, ódio, vingança, desejo de justiça. Preocupado com sua reputação, com a revelação de que o filho que criara não era dele e que havia afastado o primo Raymond injustamente, por ciúmes de sua mulher, Grandmaison não hesitou em terminar a tarefa que havia começado ao atirar – e errar o tiro – em Joris.

*O porto das brumas* se insere, portanto, no universo policial, mas compartilha da consciência crítica e da visão trágica que são constitutivas de diversos gêneros literários. “Simenon nos oferece tudo, diz Paul Morand. Exceto ele-mesmo. Exceto o segredo de sua extraordinária máquina mental. Exceto o segredo de sua arte, nosso maior pintor da solidão e da mais terrível de todas, a solidão na multidão.”<sup>40</sup>

Georges Simenon é um autor que ocupa um lugar à parte no cenário do romance policial. Seu nome é citado tanto nos livros de história da literatura quanto nos de história do romance policial, refletindo assim as tensões constantes entre o que se nomeia literatura de massa e literatura dita erudita, ou intelectual.

Não são as idéias de Simenon que são particularmente originais e que fazem dele um grande romancista. São de fato as palavras, a escolha das palavras, seu encadeamento, o ritmo das frases que constituem o dom mágico, criam o milagre, que fazem com que ao final de algumas linhas a narrativa cole no leitor como uma roupa molhada. E não seria isso tudo o que chamamos estilo?<sup>41</sup>

Ainda que o autor respeite a técnica da narrativa policial, observa Narcejac, “ele vê, sente e compõe como um romancista”.<sup>42</sup>

\*\*\*\*\*

Em *O porto das brumas*, de um lado, Simenon ativa os temas da vingança e da caça com suas pistas e armadilhas; contrapõe as forças do bem e do mal, os mistérios do nascimento, próprios ao gênero. De outro, coloca em cena um criminoso movido pela necessidade de preservar sua reputação e sua posição privilegiada na pequena cidade portuária, mantendo no esquecimento as ações condenáveis realizadas no passado; evidencia o conflito das relações familiares, o humanismo e a religiosidade dos personagens,<sup>43</sup> o tema do amor não realizado e até mesmo as questões identitárias, implícitas na figura do primo, o qual, na verdade, é o bastardo e o estrangeiro que vem

---

<sup>38</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 193.

<sup>39</sup> SIMENON. *O porto das brumas*, p. 47.

<sup>40</sup> Morand citado por DE FALLOIS. *Simenon*, p. 25.

<sup>41</sup> DE FALLOIS, *Simenon*, p. 9.

<sup>42</sup> NARCEJAC. *Le roman policier*, p. 1709.

<sup>43</sup> Ver SIMENON. *O porto das brumas*, p. 83, cap. V.

perturbar a ordem calma do porto. Em resumo, ele busca “expressar uma certa ‘verdade’ humana, um certo drama do ser humano”.<sup>44</sup> A bruma do porto constitui, portanto, a metáfora do velamento do passado, encoberto pelo silêncio e esquecimento durante anos até o ponto de não retorno do crime.



#### R É S U M É

Cet article propose une étude du récit de Georges Simenon, intitulé *Le Port des brumes* (1932), à partir de l'examen des principales caractéristiques du roman policier et de la relation de l'auteur avec ce genre, dans le contexte de la littérature francophone. Il s'agit d'une approche de certaines stratégies narratives identifiées dans l'œuvre, de la méthode intuitive du commissaire de police Maigret, y inclus la valorisation de l'humanisme des personnages dans son enquête, ainsi que d'étudier le port comme espace de mise en scène du crime.

#### M O T S - C L É S

Georges Simenon, littérature francophone, roman policier

#### R E F E R Ê N C I A S

- DE FALLOIS, Bernard. *Simenon*. Paris: Gallimard, 2003.
- NARCEJAC, Thomas. Le roman policier. In: \_\_\_\_\_. *Histoire des littératures*. Paris: Gallimard, 1978. v. III, p. 1.696-1.723. (Encyclopédie de la Pléiade.)
- REUTER, Yves. *Le roman policier*. Paris: Armand Colin, 2007.
- SIMENON, Georges. *O porto das brumas*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Porto Alegre: L&PM, 2004.

---

<sup>44</sup> NARCEJAC. Le roman policier, p. 1709.